

O Imperador no exílio¹**Afonso CELSO**

Seis dias mais tarde, em meio dos festejos oficiais pela coroação de D. Carlos, de súbito começou a circular triste boato: - Morreu repentinamente no Porto a Imperatriz do Brasil.

Os vendedores de jornais vespertinos o apregoavam à turba apinhada nas ruas: mas as folhas inseriam apenas à última hora a notícia, sem pormenores nem comentários.

No péssimo hotel em que nos alojamos (os mais confortáveis estavam repletos, por motivo das festas) tínhamos por vizinho de mesa um deputado às cortes, prestigioso chefe republicano, o coronel José Elias Garcia.

Homem de maneiras finas e polida educação. Todavia, sua proximidade não deixava de nos tolher, pois ele próprio e, principalmente, seus numerosos visitantes, não tiravam os olhos de nós, movidos de, aliás, legítima curiosidade, seguindo os nossos menores movimentos.

Nessa noite, Elias Garcia entendeu-me pela primeira vez, delicadamente a mão, proferindo em tom grave estas palavras:

- Sinto informar a V. Ex. que, infelizmente, se confirmou a nova da morte da virtuosa Imperatriz. Faleceu hoje às 2 horas da tarde, quase de repente, no *Grande Hotel* do Porto. O Imperador não lhe assistiu aos últimos momentos. Embora adversário, em política das idéias de Vossas Excelências, deploro do coração os desgostos que os estão acabrunhando.

Meu Pai deliberou partir imediatamente para aquela cidade, convidando-me a acompanhá-lo. Mas só no dia seguinte havia trem. Tomamo-lo e, cerca de meia-noite, chegamos à terra a que D. Pedro II legou o seu coração.

Vivo movimento no hotel em que jazia a soberana morta: - *repóteres*, autoridades e notabilidades locais, curiosos enchiam as salas e escadas num vai-vem contínuo. Afluíam às centenas cartas e telegramas de condolências de todos os pontos da Europa. Esperavam-se a cada momento a Princesa Imperial, o Conde d'Eu e o Príncipe D. Pedro Augusto, que se achavam na Espanha, hospedados pelo Duque de Montpensier. Em frente ao hotel estacionava dia e noite silenciosa multidão, apesar do intensíssimo frio, que a obrigava a patinhar, soprando sobre os dedos, de minuto a minuto.

O Imperador, recolhido a seu aposento, só recebia os íntimos. Meu Pai, a princípio, não o queria incomodar, esperando hora mais própria (eram menos de oito da manhã

quando entramos no *Grande Hotel*) para lhe falar. Sua Majestade, porém, mal soube da nossa presença ordenou que nos dessem ingresso.

Modestíssimo o seu quarto: - a um canto, cama desfeita; em frente, um lavatório comum; no centro, larga mesa coberta de livros e papeis. Um sofá e algumas cadeiras completavam a mobília. Tudo frio, desolado, nu.

Os joelhos envoltos num cobertor ordinário, trajando velho sobretudo, D. Pedro II lia sentado à mesa um grande livro, apoiando a cabeça na mão.

Ao nos avistar, acenou para que nos aproximássemos. Meu Pai curvou-se para beijar-lhe a destra. O Imperador lançou-lhe os braços aos ombros demoradamente contra o peito.

Depois ordenou que nos sentássemos perto dele. Notei-lhe a funda lividez. Calafrios arrepiavam-lhe a cútis, por vezes.

Houve alguns minutos de doloroso silêncio. Sua Majestade quebrou-o, apontando para o livro aberto.

- Eis o que me consola..., disse com voz cava.

- Vossa Majestade é um espírito superior – replicou meu Pai, - achará em si a necessária força...

Não respondeu.

Depois de novo silêncio, mostrou-nos o título da obra que percorria, - uma recente edição, formosamente impressa, da *Divina Comédia*.

Então, com estranha vivacidade, pos-se a falar de literatura, revelando, a propósito do poema florentino, rara e vasta erudição.

Após uma pausa, perguntou a Meu Pai:

- E não pensa em regressar ao Brasil?!

- Estou banido, Senhor.

- É exato... estamos... Nem me lembrava, - concluiu com tristíssimo sorriso.

E, mudando de assunto, discorreu sobre várias matérias, enumerando as curiosidades do Porto, indicando-nos o que de preferência deveríamos visitar. Não aludiu uma única vez à Imperatriz. Só quando, ao cabo de meia hora, nos retirávamos, observou baixinho:

- A câmara mortuária é aqui ao lado. Amanhã, às 8 horas, há missa de corpo presente.

Sáímos. No corredor verifiquei que o meu chapéu havia caído à entrada do aposento imperial.

Voltei para apanhá-lo. Pela porta entreaberta depareou-se-me tocantíssima cena.

Ocultando o rosto com as mãos magras e pálidas, o Imperador chorava. Por entre os dedos escorriam-lhe as lágrimas, deslizavam-lhe ao longo da barba nívea a caíam sobre as estrofes de Dante.

Não me pude conter. Rompi também em choro convulsivo. Sua Majestade descobriu a fronte, envolveu-me num indizível olhar, a um tempo de desconforto e de reconhecimento, fazendo com a mão, molhada de pranto, sentido gesto de adeus.

¹ CELSO, Afonso. *O imperador no exílio*. 2ª. edição aumentada. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria Francisco Alves, s/d, p. 19-24.